

**Corpos de Plástico: Beleza, Vigilância e Identidade em “A Substância” (2024)<sup>1</sup>**Dayana Lucia Miranda Falcão Lopes<sup>2</sup>Odlinari Ramon Nascimento da Silva<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

**RESUMO**

O presente estudo analisa o filme “A Substância” (2024) fundamentado nas discussões sobre identidade de gênero, padrões de beleza e vigilância social na cultura midiática. Sustentado em Vanoye e Goliot-Lété (1994), Woodward (2017), Moore (2000), Foucault (1999) e Debord (1997), o resumo investiga – a partir de uma abordagem qualitativa e observação sistemática não participativa: como “A Substância” representa as relações do corpo feminino? A análise aponta a forma com que o filme estabelece uma metáfora crítica da feminilidade midiaticizada e evidencia os efeitos subjetivos e simbólicos da busca por visibilidade e aceitação.

**PALAVRAS-CHAVE:** corpo feminino; identidade; mídia; vigilância; cinema**INTRODUÇÃO**

Para as mulheres, envelhecer não é apenas uma experiência que segue o fluxo biológico natural, mas uma transgressão social. Em uma cultura marcada pelo culto à juventude e pela estetização do corpo, as marcas da passagem do tempo são tratadas como falhas. É nesse cenário que o filme “A Substância” (2024), da diretora Coralie Fargeat, insere sua narrativa.

O longa-metragem, de horror corporal, retrata os impactos de uma substância misteriosa. Após o uso desse elemento, duas versões de um corpo passam a existir: uma jovem e uma velha. Para se manter estável, um soro alimentício deve ser injetado, diariamente, na pessoa ativa. Sem a substância, ela entra em colapso. Mesmo separados, os dois corpos dependem um do outro para sobreviver.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE02 - Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º. semestre do curso de Comunicação Social (CAA-UFPE), em Caruaru-PE. E-mail: [dayana.lucia@ufpe.br](mailto:dayana.lucia@ufpe.br).

<sup>3</sup> Doutor e Mestre em Estudos da Mídia. Professor do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste UFPE. E-mail: [contatoderamon@gmail.com](mailto:contatoderamon@gmail.com).

Na trama, Elisabeth Sparkle<sup>4</sup> – que, aos 50 anos, enfrenta o esquecimento após ser demitida do programa *fitness* que apresenta – submete-se ao experimento, e assume o corpo jovem de Sue Sparkle<sup>5</sup>. À medida que a nova persona conquista fama, e aceitação social, Elisabeth é apagada.

Logo, este estudo se propõe a investigar como “A Substância” (2024) representa as relações do corpo feminino a partir dos conceitos de identidade (Woodward, 2017), de vigilância social (Foucault, 1999), dos marcadores de gênero e investimento (Moore, 2000), da midiaticização (Vilhena e Medeiros, 2005) e da espetacularização (Debord, 1997).

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de discorrer sobre a questão de identidade de gênero, cabe avaliar a ideia da própria identidade. Woodward (2017) afirma que ela se constroi a partir da diferença, e que determinadas distinções, como as étnicas, assumem maior relevância social a depender do contexto em que estão inseridas.

Além disso, o autor também aborda que a identidade necessita do olhar do outro para existir e que essa diferença é sustentada pela exclusão. Em conjunto, Moore (2000) lembra que essa diferença costuma funcionar também como marcadores de gêneros, constituída assim mulheres e homens como tipos diferentes de indivíduos. Nesse sentido, Moore (2000, p.16) discorre que:

Essas pessoas marcadas por gênero corporificam diferentes princípios de agência – como no caso de muitas culturas ocidentais, onde a sexualidade masculina e pessoas do gênero masculino são retratadas como ativas, agressivas, impositivas e poderosas, enquanto que a sexualidade feminina e pessoas do gênero feminino são vistas como essencialmente passivas, fracas.

O ponto central do trabalho de Moore (2000) é tratar a identidade de gênero como algo não só construído, mas também vivido, pois ela emerge da tensão entre discursos sociais e experiências subjetivas. Essa dualidade é essencial para entender como “A Substância” (2024) explora a crise identitária de suas personagens. A obra retrata corpos que, ao falharem em performar os ideais de gênero e beleza impostos pela mídia, enfrentam uma ruptura entre quem são e quem deveriam ser.

Nesse sentido, a autora também incorpora a noção de “investimento” que ajuda a

---

<sup>4</sup> Personagem interpretada pela atriz Demi Moore.

<sup>5</sup> Personagem interpretada pela atriz Margaret Qualley.

entender por que os sujeitos aderem a determinadas posições identitárias. Essa ideia, desenvolvida por Holloway (1984 apud Moore, 2000), considera que as pessoas se vinculam a certas posições não apenas por imposição social, mas também por uma combinação entre compromisso emocional e interesse pessoal. Esse investimento está atrelado ao prazer ou à vantagem simbólica que determinada posição promete oferecer e, mesmo que não se concretizem, operam como forças motivadoras.

Essa dinâmica ganha mais força quando se considera o papel da “vigilância social”. Foucault (1999 p.148) disserta que essa força:

Permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; e absolutamente "discreto", pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio.

A protagonista é observada, avaliada e corrigida sem que um agente direto precise impor violência física. A própria arquitetura social (os sets, os comerciais, os espelhos, os outdoors pela cidade e as imagens na sua própria casa) naturaliza o controle. Como Foucault (1999, p.148) enfatiza, a vigilância segue as leis da ótica e da mecânica, “um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes”.

Logo, na obra, o objeto central de vigilância é o corpo. Aquilo que Foucault (1999, p.118) também nomeia de “corpo dócil”, “que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Essa coerção, no contexto do filme, acontece tanto pela mídia, quanto por Elizabeth que, com a idade, tenta a todo custo nos padrões rigorosos de gênero e beleza que a sociedade exige.

A partir dessa perspectiva, é pertinente trazer o medo da velhice, além do papel da mídia e da publicidade nesse processo. Vilhena e Medeiros (2005, p. 113), discorrem:

No cenário público, os corpos devem adequar-se à função de durabilidade, à prova de velhice, que antes se esperava das mercadorias. O que é feio, finito, perece e morre... não consome e, indiscutivelmente, ainda não se encontrou um valor mercadológico ou de troca para esse fenômeno.

É esse o destino que ameaça Elisabeth quando é substituída. Seu outdoor é trocado, seu rosto apagado, seu nome progressivamente esquecido. A situação ilustra o que Debord (1997) denomina de “sociedade do espetáculo”, onde as relações sociais são mediadas por exposições excessivas e, quanto mais o indivíduo se reconhece nas imagens, menos ele vive ou reconhece o real: "O espectador não se sente em casa em nenhum lugar, pois o espetáculo está em toda parte" (Debord, 1997, p.24). Portanto,

cabe analisar que lugar a identidade de Elisabeth ocupa.

## **METODOLOGIA**

A metodologia dessa pesquisa possui caráter qualitativo. De acordo com Richardson et al. (2012), essa abordagem é especialmente eficaz para compreender a natureza de um fenômeno social em profundidade e permite ao pesquisador captar significados, interpretações e relações simbólicas.

Para a coleta de dados, optou-se pela **observação sistemática não participativa** que, segundo Richardson et al. (2012), ocorre quando o pesquisador não interage com o objeto de estudo. Dessa forma, a escolha dessa técnica justifica-se pela natureza do material analisado: uma obra audiovisual. A análise do filme “A Substância” (2024) exige a ativação do sentido da visão como ferramenta principal para a examinação crítica. No entanto, assistir ao filme não se configura como um ato de mero entretenimento, mas sim como um processo estruturado, voltado ao registro de fenômenos e elementos narrativos que dialoguem com os objetivos da pesquisa.

Por fim, a análise dos dados será conduzida a partir dos fundamentos da análise fílmica, dentro das contribuições de Vanoye e Goliot-Lété (1994), que busca desconstruir a totalidade do filme para isolar seus elementos constitutivos, como planos, enquadramentos, gestos e espaços. Após essa etapa, os elementos serão reconectados para construir um todo significativo para o estudo do problema proposto.

## **ANÁLISE**

### **Cena 1 - O Corpo que Não Deve Ser Visto**

Um dos momentos mais simbólicos de “A Substância” (2024) é a cena em que Sue, com suas próprias mãos, quebra uma parede oca no banheiro e constroi uma falsa com o objetivo de esconder Elisabeth. Uma porta que abre e fecha. Uma identidade que sai pra passear por 7 dias e depois volta ao escuro e úmido buraco.

Essa construção funciona como metáfora literal da exclusão da diferença, da rejeição de tudo o que escapa à norma estética e à performatividade exigida da mulher. Logo, segue a mesma lógica da identidade como diferença, tal como aponta Woodward (2017). Um precisa do “outro” para existir. Elisabeth é o “outro” de Sue: sua presença denuncia a falência do corpo ideal, a finitude da juventude, o avesso da promessa

mediática de beleza eterna. Por isso, precisa ser apagada.

No entanto, como propõe Moore (2000), essa diferença também implica numa hierarquia de agência. Como um sujeito marcado por gênero, Elisabeth carrega um peso duplo: por ser mulher e por ser velha, se torna duplamente descartável numa cultura que exige juventude e disponibilidade constante. Dessa forma, seu corpo, como público, nada mais é que uma mercadoria, programado para se adequar a uma falsa ideia de durabilidade: “O que é feio, finito, perece e morre...” (Vilhena e Medeiros, 2005).

Como dito por Debord (1997), quanto mais o indivíduo se reconhece nas imagens, menos ele vive ou reconhece o real. Sue é essa imagem hiper visível, moldada para agradar ao público. Já Elisabeth é o real que sobra, que resiste, que dói.

## **Cena 2 - Uma Aberração do Desejo**

Na cena final, durante o especial de Ano Novo, há o colapso do sistema de troca entre os corpos. Após um extenso período sem retornar à forma original, Sue se depara com a necessidade de reversão: seu corpo começa a falhar devido à falta do fluido regulador. Então, injeta o restante da substância — a dose inicial destinada a uso único. O efeito é imediato e grotesco: se transforma numa criatura disforme, carnuda, repleta de rostos, olhos, bocas e fios de cabelo, em lugares estranhos. Um corpo-monstro.

Como aponta Foucault (1999), a sociedade moderna exerce um controle disciplinador sobre os corpos, além de produzir subjetividades dóceis, moldadas conforme padrões normativos. Logo, essa é uma aberração do desejo, colapsada pela própria tentativa de controle. Ainda assim, Sue continua a se arrumar para o show, evidencia-se, então, que sua busca não é apenas pela beleza, mas, sobretudo, por poder e aceitação.

Esse desfecho também nos permite aproximar a narrativa da noção de “investimento” proposta por Holloway (1984 apud Moore, 2000). Onde os indivíduos aderem a determinadas posições de gênero, mesmo que opressivas ou contraditórias, não apenas por imposição externa, mas por um investimento emocional e simbólico. No caso de Elisabeth e Sue, o investimento na imagem da mulher desejável não se reduz à vaidade, mas revela um compromisso profundo com a promessa de reconhecimento ou de retribuição emocional, ainda que nunca a realize de fato.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os desdobramentos desse trabalho investigarão como o longa, ao retratar uma mulher que precisa esconder sua versão envelhecida para continuar sendo desejada, revela alguns dos violentos efeitos dos padrões de beleza impostos pela mídia. A narrativa mostra que, nesse sistema, o corpo feminino só tem valor enquanto se mantém jovem, performático e visualmente aceito.

A partir da articulação teórica com os autores, será possível compreender que a identidade de gênero não é apenas construída, mas vivida sob pressão constante. A ideia de “investimento”, como compromisso emocional e social com determinadas posições de sujeito (Moore, 2000), ajudará a explicar por que as mulheres, mesmo diante do sofrimento e da perda de si, continuam a sustentar ideais estéticos que prometem reconhecimento e pertencimento. No filme, essa promessa se desdobra até o limite do corpo, transformando-o em um território de disputa, dor e resistência.

Assim, “A Substância” (2024) encerra com a imagem de um corpo-monstro que insiste em performar feminilidade. A performance continua, não só porque há identidade, mas porque há desejo. A identidade de gênero, como construção social, aqui se mostra como um campo de forças contraditórias, onde o desejo de ser vista, aceita e amada opera como motor fundamental, mesmo à custa da própria destruição.

## REFERÊNCIAS

A SUBSTÂNCIA. Direção de Coralie Fargeat. Reino Unido: Working Title Films, 2024. 1 vídeo (140 min). Disponível em: <https://mubi.com/pt/br/films/the-substance>. Acesso em: 10 abr. 2025.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2024.

MOORE, Henrietta. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 14, p. 13–44, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635341>. Acesso em: 27 mar. 2025.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. aum. São Paulo: Atlas, 2012.

VANOYE, Francis; GOLLOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

VILHENA, Junia; MEDEIROS, Sérgio; DE VILHENA NOVAES, Joana. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. **Revista Mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. V, n. 1, p. 109 - 144, mar. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/271/27150106.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

WOORDWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2014. p 7-72.